

A língua é viva

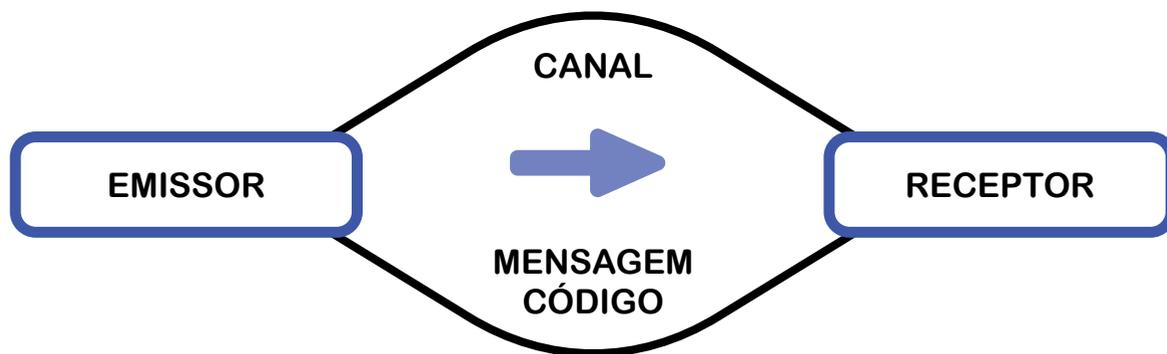
1. A LÍNGUA É VIVA

Apesar de existirem classificações como as morfológicas e sintáticas, é imprescindível pontuar que a língua é viva e está em constante movimento e renovação.

Segundo o teórico russo Mikail Bakhtin, a língua tem vida porque é um diálogo contínuo entre os sujeitos sociais. Desse modo, não é possível compreender o código utilizado para comunicação sem atentar-se ao momento e ao contexto da enunciação.

1.1. ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO

Durante a comunicação, há alguns elementos os quais garantem que essa interação ocorra, são eles: a pessoa que fala (emissor), a pessoa com quem se fala (interlocutor ou receptor), o que está sendo dito (mensagem), a linguagem utilizada durante a conversa (código), o espaço ou recurso o qual permite o diálogo (canal) e, por último, a situação que envolve todos esses fatores (contexto).



Para compreender melhor o esquema acima, imagine uma conversa. Naturalmente, você pensou em duas ou mais pessoas (exemplo: dois amigos), intercalando seus momentos de fala (emissor – receptor), em alguma situação (exemplo: uma ligação telefônica), tratando de algum assunto (exemplo: o relacionamento entre eles), em algum tipo de suporte (exemplo: o telefone ou celular) e fazendo uso do mesmo código (exemplo: língua portuguesa). Assim, é possível constatar que o momento da interação é sempre composto por esses seis elementos.

1.2. FUNÇÕES DA LINGUAGEM E VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Essa estrutura básica é necessária para estudarmos, ao longo do ano, não só as formas de utilização da linguagem segundo a intenção do falante (funções da linguagem), como também as variações existentes em uma mesma língua (variações linguísticas). Isso porque cada situação comunicativa possui contextos diferentes, o que permite usos plurais do código.

Conclui-se, portanto, que a interpretação de textos orais ou escritos, torna-se mais eficiente com a ajuda dessa teoria.

EXERCÍCIOS DE SALA

1. (ENEM 2022) O complexo de falar difícil

O que importa realmente é que o(a) detentor(a) do notável saber jurídico saiba quando e como deve fazer uso desse português versão 2.0, até porque não tem necessidade de alguém entrar numa padaria de manhã com aquela cara de sono falando o seguinte: “Por obséquio, Vossa Senhoria teria a hipotética possibilidade de estabelecer com minha pessoa uma relação de compra e venda, mediante as imposições dos códigos Civil e do Consumidor, para que seja possível a obtenção de 10 pãezinhos em temperatura estável para que a relação pecuniária no valor de R\$ 5,00 seja plenamente legítima e capaz de saciar minha fome matinal?”.

O problema é que temos uma cultura de valorizar quem demonstra ser inteligente ao invés de valorizar quem é. Pela nossa lógica, todo mundo que fala difícil tende a ser mais inteligente do que quem valoriza o simples, e 99,9% das pessoas que estivessem na padaria iriam ficar boquiabertas se alguém fizesse uso das palavras que eu disse acima em plenas 7 da manhã em vez de dizer: “Bom dia! O senhor poderia me vender cinco reais de pão francês?”.

Agora entramos na parte interessante: o que realmente é falar difícil? Simplesmente fazer uso de palavras que a maioria não faz ideia do que seja é um ato de falar difícil? Eu penso que não, mas é assim que muita gente age. Falar difícil é fazer uso do simples, mas com coerência e coesão, deixar tudo amarradinho gramaticalmente falando. Falar difícil pode fazer alguém parecer inteligente, mas não por muito tempo. É claro que em alguns momentos não temos como fugir do português rebuscado, do juridiquês propriamente dito, como no caso de documentos jurídicos, entre outros.

ARAÚJO, H. Disponível em: www.diariojurista.com. Acesso em: 20 nov. 2021 (adaptado).

Nesse artigo de opinião, ao fazer uso de uma fala rebuscada no exemplo da compra do pão, o autor evidencia a importância de(a)

- se ter um notável saber jurídico.
- valorização da inteligência do falante.
- falar difícil para demonstrar inteligência.
- coesão e da coerência em documentos jurídicos.
- adequação da linguagem à situação de comunicação.

2. (ENEM 2021) A draga

A gente não sabia se aquela draga tinha nascido ali, no Porto, como um pé de árvore ou uma duna.

– E que fosse uma casa de peixes?

Meia dúzia de loucos e bêbados moravam dentro dela, enraizados em suas ferragens.

Dos viventes da draga era um o meu amigo Mário-pega-sapo.

[...]

Quando Mário morreu, um literato oficial, em necrológio caprichado, chamou-o de Mário-Captura-Sapo! Ai que dor!

Ao literato cujo fazia-lhe nojo a forma coloquial.

Queria captura em vez de pega para não macular (sic) a língua nacional lá dele...

Da velha draga

Abrigo de vagabundos e de bêbados, restaram as expressões: estar na draga, viver na draga por estar sem dinheiro, viver na miséria

Que ora ofereço ao filólogo Aurélio Buarque de Hollanda
Para que as registre em seus léxicos

Pois que o povo já as registrou.

BARROS, M. Gramática expositiva do chão: poesia quase toda. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1990 (fragmento).

Ao criticar o preciosismo linguístico do literato e ao sugerir a dicionarização de expressões locais, o poeta expressa uma concepção de língua que

- contrapõe características da escrita e da fala.
- ironiza a comunicação fora da norma-padrão.
- substitui regionalismos por registros formais.
- valoriza o uso de variedades populares.
- defende novas regras gramaticais.

3. (ENEM PPL) Uma luz na evolução

Dois fósseis descobertos na África do Sul, dotados de inusitada combinação de características arcaicas e modernas, podem ser ancestrais diretos do homem

Os últimos quinze dias foram excepcionais para o estudo das origens do homem. No fim de março, uma falange fossilizada encontrada na Sibéria revelou uma espécie inteiramente nova de homínido que existia há 50 000 anos. Na semana passada, cientistas da Universidade de Witwatersrand, na África do Sul, anunciaram uma descoberta similar. São duas as ossadas bastante completas — a de um menino de 12 anos e a de uma mulher de 30 — encontradas na caverna Malapa, a 40 quilômetros de Johannesburgo. Devido à abundância de fósseis, a região é conhecida como Berço da Humanidade.

Veja. Abr. 2010 (adaptado).

Sabe-se que as funções da linguagem são reconhecidas por meio de recursos utilizados segundo a produção do autor, que, nesse texto, centra seu objetivo

- na linguagem utilizada, ao enfatizar a maneira como o texto foi escrito, sua estrutura e organização.
- em si mesmo, ao focar suas emoções e sentimentos diante das descobertas feitas.
- no leitor do texto, ao tentar convencê-lo a praticar uma ação, após sua leitura.
- no canal de comunicação utilizado, ao querer certificar-se do entendimento do leitor.
- no conteúdo da mensagem, ao transmitir uma informação ao leitor.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
Porque (triste de mim!), porque não raia
Já na esfera de Lísia* a tua aurora?

Da santa redenção é vinda a hora
A esta parte do mundo, que desmaia.
Oh!, venha... Oh!, venha, e trêmulo descaia
Despotismo feroz, que nos devora!

Eia! Acode ao mortal que, frio e mudo,
Oculta o pátrio amor, torce a vontade,
E em fingir, por temor, empenha estudo.

Movam nossos grillhões tua piedade;
Nosso númen tu és, e glória, e tudo,
Mãe do gênio e prazer, ó Liberdade!
(Bocage)

Lísia = Portugal

MOISÉS, Massaud. A Literatura Portuguesa Através dos Textos. São Paulo: Cultrix, 2006, p.239.

4. (UEPA) O poema de Bocage organiza uma situação comunicativa interna em que se verificam os seguintes elementos fundamentais da comunicação: emissor, receptor (contido no próprio texto) e mensagem. No poema estes elementos são:
- eu lírico, liberdade e crítica ao despotismo.
 - poema, liberdade e crítica ao despotismo.
 - eu lírico, povo português e crítica ao despotismo.
 - eu lírico, liberdade e língua portuguesa.
 - eu lírico, leitor e crítica ao despotismo.

5. (ENEM 2019) A rede é, antes de tudo, um instrumento de comunicação entre pessoas, um laço virtual em que as comunidades auxiliam seus membros a aprender o que querem saber. Os dados não representam senão a matéria-prima de um processo intelectual e social vivo, altamente elaborado. Enfim, toda inteligência coletiva do mundo jamais dispensará a inteligência pessoal, o esforço individual e o tempo necessário para aprender, pesquisar, avaliar e integrar-se a diversas comunidades, sejam elas virtuais ou não. A rede jamais pensará em seu lugar, fique tranquilo.

LÉVY, P. A máquina universo: criação, cognição e cultura informática. Porto Alegre: Artmed, 1998.

No contexto das novas tecnologias de informação e comunicação, a circulação de saberes depende da

- otimização do tempo.
- confiabilidade dos sites.
- contribuição dos usuários.
- quantidade de informação.
- colaboração de intelectuais.

ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

1. Um guarda de trânsito percebe que o motorista de um carro está em alta velocidade e faz um gesto pedindo para ele parar. Nessa situação, é possível afirmar que o gesto feito pelo guarda é:
- o código que ele utiliza
 - o canal que ele utiliza
 - quem recebe a mensagem
 - quem envia a mensagem
 - o assunto da mensagem

Observe a capa de uma das edições da revista Veja.



Com base na teoria dos elementos da comunicação, indique:

- O emissor
- O receptor
- O canal
- O código
- O contexto ou referente
- A mensagem

Texto para a próxima questão

A parte da senzala que era habitada pelas negras solteiras, logo que o sol iluminou as grades das janelas que davam para o vale, tornou-se movimentada. Mulheres de chimangos quase brancos, os braços muito pretos de fora, falavam em voz baixa e gesticulavam nervosamente. Algumas delas mais velhas diziam palavras africanas na excitação em que estavam e não se compreendiam porque eram de diversas nações e haviam sido escolhidas já de propósito assim, para que não formassem grupos à parte, com a linguagem secreta de uma só algaravia.

(Cornélio Pena, A Menina Morta)

8. Sobre o texto, leia os itens seguintes.

- I. As escravizadas não dispunham de um código comum.
- II. Fora intencional o agrupamento de escravizadas provenientes de nações diversas.
- III. O que dificultou a comunicação entre as mulheres escravizadas foi a ausência de um canal de comunicação.

Está correto o que se afirma em:

- a) I e II, somente.
- b) I e III, somente.
- c) II, somente.
- d) II e III, somente.
- e) todos os itens.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Por que usar ponto final em mensagens de texto é mal visto?

Estamos passando por mudanças na utilização do sinal de ponto final. Há quem diga que ele caiu em desuso, enquanto outros afirmam que ele se tornou uma marca que traduz raiva e irritação nas mensagens de texto. Porém, o que de fato está acontecendo é que a linguagem escrita está se tornando mais flexível e ganhando seu próprio conjunto de normas estilísticas.

A questão do ponto final é apenas um exemplo dessa mudança marcada por novas possibilidades na forma de se comunicar por mensagens escritas. Assim como temos diferentes formas de conversar por linguagem falada dependendo da situação, também apresentamos estilos de escrita alternativos para cada contexto.

Nas entrelinhas dos pontos

Ainda que o ponto final continue sendo um sinal para demarcar o fim de uma sentença, muitos usuários omitem seu uso em mensagens de texto – especialmente se o conteúdo for curto.

Essa opção do usuário por não pontuar suas frases acontece porque as mensagens de texto costumam ser muito dinâmicas, semelhantes aos diálogos da linguagem falada. Quando estamos contando algo ao vivo, costumamos fazer uso de elipses e deixar brechas para que nosso interlocutor participe e acrescente comentários. Assim também fazemos em mensagens de texto. Daí que adicionar um ponto final é o oposto de abrir esse espaço, já que o sinal significa um fim e quer dizer “É isso. Fim de discussão”. Para muitos, é justamente esse caráter de impor fim ao diálogo que faz a marcação não ser amigável.

Um grupo de psicólogos dos Estados Unidos decidiu estudar a influência do sinal em conversas virtuais. Como resultado, eles notaram que os participantes da pesquisa

percebiam as mensagens digitais marcadas com ponto final como desonestas ou falsas. Porém, quando os mesmos textos eram reescritos manualmente (também com o ponto final), a sensação de infidelidade não existia.

Outro estudo, realizado por linguistas, avaliou que mensagens digitais compostas por muitas sentenças raramente eram marcadas por pontos finais e somente 29% delas tinham uma pontuação ao final de todo o texto. Segundo os pesquisadores, a razão para isso é que o momento em que apertamos “enter” coincide exatamente com o instante em que deveríamos pontuar as frases.

Mudança de código situacional

Mas por que sentimos que o autor da mensagem que usa pontos finais está sendo desonesto conosco? A resposta para isso pode ter relação com a “mudança de código situacional”, termo cunhado pelo linguista John J. Gumperz. A mudança de código situacional diz respeito às diferentes formas com as quais nós nos comunicamos dependendo do lugar, do meio e do nosso interlocutor.

Um exemplo comum disso é analisar a forma como uma pessoa se comporta durante uma entrevista de emprego e no bar com os amigos. Normalmente, o locutor vai utilizar uma linguagem mais formal na entrevista do que no ambiente com seus colegas. Caso o linguajar utilizado em ambos os casos seja o mesmo, provavelmente os amigos do bar vão estranhar e achar a situação um tanto quanto bizarra.

O uso do ponto final é um exemplo disso. Quando o sinal aparece em uma mensagem de texto, ele é percebido como uma característica excessivamente formal. Então, quando alguém encerra uma mensagem com um ponto final, é como se o indivíduo estivesse falando formalmente em uma mesa de bar com os amigos. É uma mudança de código situacional que faz aquele ato parecer incorreto, insincero e esquisito.

Também é importante lembrar que, antigamente, a linguagem escrita era quase sempre associada à formalidade porque ela residia em livros e documentos. No entanto, os tempos mudaram. As mídias sociais criaram espaço para que os usuários também trouxessem seu vocabulário casual para a linguagem escrita.

Outra forma de sinceridade

Mais um exemplo sobre a incorporação da fala na linguagem escrita é a repetição de letras. Através de um estudo, uma pesquisadora analisou que estender letras e sinais de marcação confere mais intensidade às mensagens. Outra linguista decidiu se debruçar sobre o assunto e notou que repetir pontos de exclamação em uma conversa pode transmitir sinceridade, como exemplificado na frase: “JACKIE, EU ESTOU ME SENTINDO TÃO TÃO TÃO MAL! Eu pensei que você estivesse atrás de nós no táxi, mas depois eu vi que você não estava!!!! Eu me sinto tããããã mal! Pegue outro táxi e eu pagarei para vocêeee”.

Note que o texto não é terminado com um ponto final, já que o uso do sinal poderia contradizer o pedido de desculpas. Ao invés disso, o interlocutor repete vogais e abusa de pontos de exclamação. Em um padrão formal, a mensagem seria escrita da seguinte forma: "Jackie, eu estou me sentindo tão mal. Eu pensei que você estivesse atrás de nós no táxi, mas depois eu vi que você não estava. Eu me sinto tão mal! Pegue outro táxi e eu pagarei para você." Este outro exemplo se parece muito mais com um e-mail enviado a um colega de trabalho do que como um pedido de desculpas sincero e amigável.

Esse tipo de situação tem muito a ver com a intuição, mas os exemplos servem para mostrar como a linguagem formal pode prejudicar a sinceridade de um pedido de desculpas.

Fonte: Revista Galileu. Disponível em: <https://www.diarionline.com.br/noticias/mundo-noticias/noticia-478237-por-que-usar-ponto-final-em-mensagens-de-texto-e-mal-visto.html>

9. (UNIOESTE 2021) Em relação ao código situacional é CORRETO afirmar.

- Ele diz respeito apenas ao conjunto linguístico que utilizamos para nos comunicar.
- Diz respeito às diferentes formas com as quais nos comunicamos, considerando o contexto e com quem falamos.
- O código situacional é um conjunto de regras vinculadas exclusivamente à gramática normativa para garantir o processo de comunicação.
- O código situacional diz respeito apenas à gramática e ao falante e desconsidera o contexto e o interlocutor.
- O código situacional diz respeito, exclusivamente, ao nosso comportamento e não trata de questões linguísticas.

10. (ENEM (LIBRAS)) Você sabe a diferença entre comunicação síncrona e assíncrona?

A forma síncrona permite a comunicação entre as pessoas em tempo real, ou seja, o emissor envia uma mensagem para o receptor e este a recebe quase que instantaneamente, como numa conversa por telefone. São exemplos deste tipo de comunicação o chat e a videoconferência.

Já a forma assíncrona dispensa a participação simultânea das pessoas, ou seja, o emissor envia uma mensagem ao receptor, o qual poderá ler e responder esta mensagem em outro momento. São exemplos deste tipo de comunicação o correio eletrônico, o fórum e a lista de discussão.

Correio eletrônico — o que é e-mail?

Correio eletrônico, ou simplesmente e-mail (abreviatura de electronic mail), é uma ferramenta que permite compor, enviar e receber mensagens, textos, figuras e outros arquivos pela internet. É um modo assíncrono de comunicação,

ou seja, independe da presença simultânea do remetente e do destinatário da mensagem, sendo muito prático quando a comunicação precisa ser feita entre pessoas que estejam muito distantes, em diferentes fusos horários.

BRASIL. MEC/Proinfo. Disponível em: www.eprinfo.mec.gov.br. Acesso em: 17 jan. 2014 (adaptado).

O texto evidencia que um dos fatores determinantes para a escolha do e-mail como uma forma de comunicação é o(a)

- presença do interlocutor.
- emergência do contato.
- disponibilidade dos meios de comunicação.
- alcance espaço-temporal da mensagem.
- relação entre os interlocutores.

GABARITO (E.I.)

- A
- Revista Veja
- Os leitores da publicação.
- A mídia impressa
- A língua portuguesa
- Principal - bullying nas escolas
- Abaixo a tirania dos valentões (principal)
- A
- B
- D